

***Turismo e Literatura - crise e resiliência em tempos de
pandemia: uma análise a partir da obra “A Morte em
Veneza” de Thomas Mann.***

***Tourism and Literature - crisis and resilience in times of
pandemic: an analysis based on Thomas Mann's "Death in
Venice".***

Ronaldo Leites Diaz

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de
Caxias do Sul – UCS, Caxias do sul/RS, Brasil
E-mail: ronaldol.diaz@hotmail.com

Luciane Todeschini Ferreira

Professora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de
Caxias do Sul – UCS, Caxias do sul/RS, Brasil
E-mail: lucianetodeschinif@gmail.com

*Artigo recebido em: 31-12-2021
Artigo aprovado em: 02-03-2023*

RESUMO

A literatura caracteriza-se pelo convite à criação de realidades, provocando o leitor a viajar através do tempo e espaço, conduzindo-o a novos tempos e lugares, tornando o leitor um ser movente. Importante destacar que já há algum tempo vem se aproximando do Turismo, inclusive porque pode ser responsável pela promoção do nascimento do desejo de o leitor conhecer presencialmente os lugares que emergem das páginas dos livros (sendo que esse campo de estudos é abrangido pela Literatura de Turismo). Porém, essa é uma das perspectivas de aproximação entre turismo e literatura, outras ainda se fazem possíveis. Por também apresentar visões de mundo de uma determinada época e por produzir conhecimentos, a literatura pode auxiliar na compreensão de uma época, de uma sociedade. Este artigo tem por objetivo analisar, a partir de fragmentos literários, como a Pandemia de Cólera (1912) é retratada na obra “A Morte em Veneza”¹, de Thomas Mann, a partir da relação da personagem Gustav Von Aschenbach, turista em Veneza, com o *trade* turístico do lugar. A pesquisa, de caráter qualitativo e de abordagem interpretativa, apoia-se nos estudos enunciativos bakhtinianos e literários para analisar a obra literária em questão. Na metodologia, buscou-se, a partir da seleção de extratos que apresentavam o cenário da pandemia, analisar como a mesma foi tratada e representada na narrativa. Na análise interpretativa, observa-se que a pandemia nesta obra surge como pano de fundo, permeando a forma das pessoas se relacionarem. A literatura, portanto, permite que sejam possíveis aproximações do passado com os dias atuais.

Palavras-chave: Literatura. Turismo. “A Morte em Veneza”. Pandemia. Resiliência.

ABSTRACT

Literature is characterized via the invitation to the creation of new realities, conducting the reader to new times and places, turning them into a moving being. It is Paramount to highlight that for some time literature has been coming close to Tourism, including the ability to develop a desire in the reader of knowing places from the pages in real life (this study field is a part of Tourism Literature). Nevertheless, this is one of the possibilities for bringing tourism and literature closer, while others are also possible. Since literature shows the world from a specific era and is able to garner knowledge, it can help us with the understanding of a specific time and society. This paper aims to analyze, using literary fragments, how the cholera pandemic (1912) is portrayed in the romance “Death in Venice”, by Thomas Mann, from the perspective of the character Gustav Von Aschenbach, a tourist in Venice, with the touristic trade of the city. This research, with a qualitative nature and interpretative nature, is supported in the Bakhtinian and literary studies in order to analyze this romance. In methodology, it was sought to select excerpts which presented the scenery of the pandemic, analyzing how it was presented and discussed in the text. In the interpretative analysis, it is observed how the pandemic merges in the background of this romance, changing how people relate to each other. Therefore, literature allows people to bring the past closer to the present.

Keywords: Literature. Tourism. Death in Venice. Pandemic. Resilience.

¹ A obra, nas traduções, aparece como “A Morte em Veneza” ou “Morte em Veneza”. Optamos pela primeira forma, considerando a tradução da obra literária lida.

1. INTRODUÇÃO

A literatura, como arte, cria realidades, provoca, anuncia e denúncia. Convoca o leitor a experienciar, a partir da leitura, pelas palavras. Ela, portanto, participa da invenção de lugares, tornando espaços reais imaginários, e espaços imaginários reais. Por meio dela, o leitor viaja, conhece lugares - Marte, o Monte Olimpo da Grécia Antiga, Espanha ou Veneza - mesmo que esteja no conforto de seu lar. A literatura, portanto, faz o leitor um ser movente. Nesse sentido, nada mais atual, embora já estereotipada, a ideia de que ler é viajar. E viajar, assume, portanto, o sentido de sair em busca de movimentar-se pela palavra indo para mundos criados ou recriados via literatura.

Mesmo sem ser esse o objetivo precípua, ela provoca nos leitores o desejo de conhecer o lugar que está sendo apresentado via linguagem. Pode, dessa forma, exercer o papel de influenciadora nas escolhas de destinos turísticos. Ao ler “Don Quixote de La Mancha”, posso desejar conhecer o local em que Miguel de Cervantes viveu, além de passear pelas paisagens referidas nas descrições existentes na obra. Veneza é o destino de muitos apaixonados e não se pode descartar que os turistas queiram conhecer a Veneza de Shakespeare, àquela de “Romeu e Julieta”.

Leitores, dentro da perspectiva adotada, são levados à escolha de múltiplos roteiros turísticos também influenciados pela leitura de romances, contos, novelas, poemas e narrativas de viagens – comportamento esse que é analisado em estudos da literatura de turismo (Quinteiro & Baleiro, 2017) entendida como aquela cujos textos literários motivam os leitores a se tornarem turistas de fato, realizando as viagens que anteriormente foram apresentadas pela leitura de livros – havendo, portanto, aproximações entre leitor, autor, textos, personagens.

A literatura de turismo, portanto, “designa o conjunto dos textos que, por determinados efeitos, são permeáveis a uma análise e interpretação interdisciplinar nas áreas da literatura e do turismo” (Quinteiro & Baleiro, 2017, p. 23). Dentro das perspectivas da área, Quinteiro e Baleiro (2017, p. 24) destacam que esse tipo de literatura tem capacidade de a) agregar valor turístico a um lugar; b) promover reflexão sobre turismo e atividade turística e sobre atores envolvidos (turistas e viajantes) e c) retratar práticas de turismo e de turismo literário. Destaca-se, igualmente, a existência de estudos que se voltam para a chamada literatura de viagem – nessa área perspectiva-se analisar experiências, descobertas e reflexões de viajantes em seus deslocamentos. Observa-se, pois, que sob a terminologia “Literatura de Turismo” há um campo de estudos vasto.

A leitura de texto literário pode permitir, portanto, que o leitor, ao se desprender de sua própria realidade, construa novas formas de entendimento, tornando-se único, porque esse sujeito leitor movente pode vivenciar, a partir de um conto ou romance, não somente um lugar diferente, mas as práticas sociais de uma época. Dito assim, para fins exemplificativos, é que, através da leitura de uma obra, um homem branco heterossexual cisgênero do século XXI é capaz de compreender a realidade de uma mulher negra escrava no Brasil Colonial. Sempre se fazendo ressalvas sobre as condições de produção de determinada época.

Não é de se surpreender, portanto, que, através da literatura, possa-se entender como a humanidade se portou diante de quadros pandêmicos anteriores ao que vivenciamos devido ao Covid-19.

Este artigo tem por objetivo analisar, a partir de fragmentos literários, como a Pandemia de Cólera (1912) é retratada na obra “A Morte em Veneza”, de Thomas Mann, a partir da relação da personagem Gustav Von Aschenbach, turista em Veneza, com o *trade* turístico do lugar.

2. LITERATURA, PANDEMIA E RESILÊNCIA

No final de 2019, na China, surgiu a Covid-19 que, em 2020 surpreenderia a todos: um vírus que não só atingiu a vida privada de um indivíduo, como atacou todos os setores das mais diversas sociedades. Pandemia instalada, o vírus, de fato, abalou o mundo, impactando a vida de todos sem distinção. Programas de TV, periódicos, sites e redes sociais de forma contínua e sistemática, informavam (informam) sobre os últimos números de vítimas, sobre a importância da vacinação e o surgimento de novas cepas. Independentemente de quem segue essas plataformas ou redes sociais, elas estão cheias de estatísticas aterradoras.

Antes mesmo do surgimento da medicina moderna, é provável que doenças infecciosas tenham sido uma das maiores ameaças já encontradas na humanidade. Mas, como sustenta Harari (2016), se as pestes têm um poder de destruição, a ciência e o homem conseguem responder de forma cada vez mais rápida a elas. Porém, não se pode negar o quanto as pandemias destruíram a humanidade, e não só a nível econômico e social. Pandemias geralmente causam crises econômicas, paralisando cadeias de produção e de serviços, e é isso que se observa na pandemia da Covid-19 por nós vivenciada. A atividade turística viu-se interrompida: bares, restaurantes, parques, comércio – tudo fechou. O setor de eventos igualmente sentiu os impactos: distanciamento social, uso de máscaras e álcool em gel, pedidos

reiterados de lavar as mãos, convivência com o medo, com notícias tenebrosas como mortes de parentes, amigos, familiares e estranhos: essa é a vida, haveremos de nos adaptar à realidade?

As pandemias modelam o curso da história humana desde os primórdios da civilização, dada a fragilidade de nossa condição biológica. A quarentena que está ocorrendo sob o COVID-19 não é a primeira e não será a última. Nossa geração não é a primeira a sofrer por isto, e também não será a última. Em momentos de caos, sempre se perspectivam explicações, na clara tentativa de estabelecer uma ordem. (Diaz, 2020 p. 1-2).

Certamente encontramos saídas, tanto que em 2021 já se observa um reaquecimento do setor turístico, um retorno (mesmo que com restrições) do setor de eventos. Ou seja, o homem busca formas de se organizar, a partir das condições que são dadas.

E a literatura? Ela sempre acompanha os passos da humanidade, em especial seus dilemas. Em conferência realizada sobre Literatura e Pandemia, o conferencista e crítico Christopher Domínguez Michael (2020, s/p) defende que a literatura mundial tem o seu nascimento com o desastre, exemplificando com passagens de Homero, do dilúvio e da própria expulsão de Adão e Eva do paraíso. Pelas histórias, é possível reconstruir as epidemias e as reações dos homens diante desses quadros.

Se, no momento, e já estamos no segundo ano do vírus, não temos ainda respostas para a nossa realidade, a literatura pode contribuir, já que são várias as obras cujos autores trouxeram a pandemia como mote para seus escritos. As reflexões e expressões de uma certa realidade, a partir do ponto de vista adotado, podem, portanto, ser interessantes quando relacionadas aos tempos atuais vividos. Além disso, a literatura pode igualmente contribuir para aliviar a alma daqueles cujos temores não puderam ser aplacados.

Para Cândido (2004), a literatura é a manifestação de todos os homens: “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isso é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. (Cândido 2004, p. 174). Ela tem um papel humanizador e apresenta, segundo o estudioso, três faces: “(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado”; (2) ela é uma forma de expressão [...] manifesta emoções e visões de mundo dos indivíduos e grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento” (Cândido, 2004, p.176).

Necessitamos ter a visão do conflito do coração humano consigo mesmo, para que possamos realmente entender o próximo imaginário descrito em uma página. Dessa forma, não somente se visualiza o sofrimento passado/sentido, mas nos tornamos capazes de entendê-lo e experimentá-lo junto com a personagem.

Há de se ter resignação frente à adversidade, mas há igualmente de se evitar a pequena morte que está na indiferença. As pandemias modelam a humanidade, assim como a adversidade molda o indivíduo; como consequência, a possibilidade de emergirmos de situações como a por nós vivida hoje devido à pandemia ainda mais fortes.

Além de me resignar, tive de aprender a aceitar as sugestões de outros e a olhar o mundo considerando meu próximo. Começo, pois, a aprender, na pele, o que é alteridade, o que representa efetivamente aceitar ao outro naquilo que ele tem de mais seu, o que é hospitalidade. Entendo um pouco mais o que representa o ‘espaço entre’ no qual a hospitalidade se efetiva. (Diaz, 2020 p. 7).

À título exemplificativo da função da literatura, circulou pela internet, em 2020, o texto “O Capitão e o Moço” que, ao trazer o diálogo entre um jovem – que se vê inconformado adiante do isolamento a que fica submetido no navio devido à necessária quarenta – e o capitão – que já havia enfrentado uma realidade como a causada pela Gripe Espanhola, ocorrida em 1918 – acaba por expressar o sentimento que igualmente fazia parte do universo ora vivenciado pelo leitor. O extrato literário, além de aproximar leitor, personagens e autor, igualmente convoca o leitor à atitude de resiliência, também necessária durante a pandemia ora enfrentada.

De acordo com Walsh (1998, apud Silva et al, 2003, p. 148), a resiliência implica “mais do que meramente sobreviver à situação adversa ou escapar de alguma privação. Representa uma contraposição à ideia de que os sujeitos que crescem em ambientes adversos estão fadados a se tornarem adultos com problemas”. Nesse sentido, para a autora, os resilientes são aqueles que mesmo vivendo (em) situações adversas conseguem desenvolver habilidades, aptidões que permitam que os sujeitos sejam capazes de cuidarem de suas vidas.

O homem já vivenciou alguns períodos pandêmicos, conforme apresentado na tabela 01, em que estão registradas as sete principais epidemias, a datação (período histórico) e o número de vítimas.

Tabela 1: Principais epidemias ao longo do curso da história.

Epidemia	Período	Número de mortes
Peste de Justiniano	542 – 750	Entre 25 e 50 milhões
Peste Negra	1346 – 1353	Entre 76 e 200 milhões
Gripe Espanhola	1918 – 1920	Entre 20 e 100 milhões
Cólera	1846 – 1860	150.0000
Peste Bubónica	1346 – 1353	15 milhões
Gripe Suína	2009	Até 100 milhões
Covid-19	2019	3,15 milhões

Fonte: Tabela elaborada pelo autor, a partir de dados disponibilizados em diferentes sites de pesquisa (2021).

A tabela nos permite identificar que a existência de pandemias se atrela à própria história da humanidade e que elas acabam sendo superadas, ou porque se alcançou a imunidade de rebanho, ou porque houve avanços no campo da medicina.

O homem busca dar sentido ao que vive, faz registros sobre a sua realidade e a literatura, como arte, também se apresenta em momentos pandêmicos, buscando compreender e, de certa forma, (res)significar o que o homem sente ou como ele reage e vive.

Algumas obras literárias, portanto, valeram-se do cotidiano da pandemia para refletir sobre o homem, sobre anseios, medos e expectativas. Um dos exemplos conhecidos é a obra “Amor em tempos do Cólera” de Gabriel García Márquez. A história ocorre na América Latina, Caribe, durante o século XIX, tendo, como o próprio título sugere, a epidemia do cólera sendo apresentada. O romance narra a história de amor de Florentino e Fermina – um casal apaixonado que, devido à distância, troca correspondência por dois anos, até ser proibido de manter contato. No pano de fundo, o medo do cólera é retratado, bem como a guerra civil colombiana. O amor sobrevive aos impeditivos (listados na narrativa) e à própria pandemia, permanecendo na obra, como um hino à resiliência.

Outro livro também famoso é “A Peste”, de Albert Camus. O narrador inicia sua obra com os ratos de Orã, na Argélia (cidade do autor), morrendo. Os habitantes da cidade igualmente contaminados pela peste bubônica (transmitida pelos roedores) começam a morrer em quantidade assustadora e, em pouco tempo, o pânico está instaurado. Ao contrário do primeiro exemplo, nessa obra a “Peste” é uma grande personagem, tanto que o questionamento que perpassa a história é: deve-se sair da cidade e escapar da epidemia, ficar e esperar passivamente pelo seu término, ou se envolver na luta pelo controle da epidemia? A resiliência do ser humano novamente é questionada.

E como a epidemia é apresentada na obra “A Morte em Veneza”, de Thomas Mann? Quais as reações das personagens?

Para responder, mesmo que de forma preliminar aos questionamentos, o trabalho, de natureza qualitativa e de abordagem interpretativa, busca, a partir de instrumentos fornecidos pela teoria enunciativa, linha bakhtiniana, analisar alguns trechos selecionados da obra “A Morte em Veneza”, buscando caracterizar como a pandemia é representada e como os personagens a ela reagem

2.1 A obra “A morte em Veneza”

A novela “A Morte em Veneza”, autorada por Thomas Mann, foi publicada pela primeira vez em 1912. Como pano de fundo, Mann retrata a epidemia do cólera. O enredo introduz como personagem principal Gustav von Aschenbach, um burguês viúvo, que tem uma filha. Mas a maior caracterização é apresentá-lo como um escritor muito respeitado nos meios intelectuais da Alemanha, extremamente regrado que leva muito a sério seu trabalho, com dignidade e autodisciplina. A obra inicia apresentando-o em crise: solitário, sem ter amigos, sem inspirações para continuar a escrever.

Passando os anos, ele sente o desejo do novo, de viver novas experiências. Então, decide viajar e seu destino o conduz a Veneza onde vive uma experiência de amor (platônica ou não) apaixonando-se por um jovem. A trama apresenta esse amor que permanece como um desejo a ser realizado, conforme alguns estudiosos, ou como amor realizado, conforme outros pesquisadores. O que cabe registrar é que essa experiência amorosa, na literatura, é cheia de simbolismos – há de se considerar que Gustav pode enxergar o jovem Tadizio como si mesmo quando jovem, e esta ênfase seja uma paixão pelo conceito de juventude e não pelo jovem em si. Além disso, a obra também traz o turista Aschenbach transitando por uma Veneza que está enferma, muito embora as autoridades locais tentem esconder, pelo menos dos visitantes e turistas, essa condição. O propósito era o de não afugentar os turistas, já que o setor turístico não poderia ser interrompido, visto ser ele o propulsor econômico da cidade.

Na perspectiva do enredo, são várias as possibilidades de leitura que, inclusive, já foram apresentadas em estudos, como o de Oliveira (2018), que buscou refletir sobre a questão do espaço na obra, ou seja, como Veneza é percebida na narrativa e quais relações são estabelecidas entre o espaço, a ambientação e sua relação com o conflito e a decadência sobrevinda ao personagem principal, Gustav von Aschenbach. Beleza, desejo de ir em busca do desconhecido, estranhamentos, oposições entre juventude e velhice; juventude e decadência podem ser alguns dos tópicos a serem analisados na obra. E isso é a riqueza do texto literário, os múltiplos sentidos que podem ser arbitrados – resultados de leituras polissêmicas e de diferentes perspectivas de análise.

2.2 A epidemia de cólera

A cólera é uma enfermidade que a humanidade enfrenta desde meados do século XX. O conhecimento da doença é uma história que caminha entre luzes e escuridão. Esta é iluminada

pela inteligência de quem alcançou descobrir o agente causador da doença. Segundo Picanço (2020, s/p), “A cólera é causada por uma bactéria, o vibrião colérico. O vibrião se encontra nas fezes, tanto de doentes quanto de pacientes assintomáticos. A contaminação das pessoas se dá por ingestão de água ou alimentos contaminados”.

Sabe-se que a doença afeta o intestino delgado; a bactéria, entra no organismo do indivíduo por meio do consumo de água e de alimentos que foram contaminados. A doença está relacionada à higiene e ao saneamento básico, como redes de esgoto e é comum se instalar onde não existem esses recursos. A doença é considerada grave e pode levar o indivíduo à óbito.

De acordo com Peter Schulz (2020, s/p), a humanidade testemunhou, ao longo do século XIX, seis pandemias de Cólera, durante 60 de seus 100 anos. E a disseminação não ocorreu como a atual pela Covid-19, pelo contrário, a cólera foi se espalhando por diferentes ciclos pandêmicos, mas igualmente difundida pela mobilidade e pela globalização na época. A primeira pandemia, de acordo com diferentes registros históricos, com origem na Índia, ocorreu no período de 1817 a 1823, mas outros registros seguiram-se. A comunidade científica aventou as primeiras hipóteses, associando à disseminação da cólera a “odores fétidos” (que aparecem em algumas das descrições do livro “Morte em Veneza”).

Ainda, em conformidade com Schulz (2020, s/p), “foi apenas durante a terceira pandemia (1846-1860) que uma resposta científica rigorosa e contundente foi dada: como a doença é transmitida de fato, como evitá-la e contê-la. Em 1846 morreram milhares de pessoas em Mecca e a cólera aportou à Inglaterra em 1848, sendo que o pior surto da doença na história de Londres foi no ano seguinte”.

Novos surtos surgiram em diferentes momentos, quase todos atrelados às más condições de higiene do lugar ou ainda devido a desastres naturais como terremotos, por exemplo.

No Brasil, de acordo com o Ministério de Saúde (2010), a Cólera foi introduzida no país em 1991, apresentou pico epidêmico em 1993, com 60.340 casos. Apesar de ser uma doença associada a condições ambientais e sanitárias precárias, os esforços realizados para o seu controle conseguiram reduzir drasticamente sua incidência. Posteriormente, passou a manifestar-se sob a forma de surtos, principalmente nas pequenas localidades do Nordeste, com deficiência de saneamento básico. Entre os anos de 2000 e 2008, houve uma redução significativa no número de casos e óbitos por Cólera no Brasil, sendo registrados, nesse período, 766 casos e 20 óbitos, todos na região Nordeste e o estado de Pernambuco liderou o número de registros (511 casos e 12 óbitos).

A cólera tal qual a Covid-19 atualmente, gerou, entre as diferentes populações muito medo, restrições e teorias. Igualmente provocou distanciamentos e discursos alarmistas e tendenciosos. Há de se recuperar formas como as pessoas conviveram e tentaram superar esse período, via diferentes registros documentais e informativos. Uma das formas de compreender como as pessoas vivenciaram esses períodos de pestilência pode ser via texto literário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO: EPIDEMIA NA OBRA “A MORTE EM VENEZA”

A obra “A Morte em Veneza” tece a pandemia com muitas sutilezas que vão se fazendo presentes desde o momento em que a personagem de Gustav von Aschenbach resolve ir à Veneza, até a sua morte. Tanto é assim que nem sempre o personagem e leitor conseguem entender, à primeira vista – alguns comportamentos ou situações apresentadas. Provavelmente, o único que sabe de tudo antecipadamente é o narrador, com características de onisciência.

Para o presente artigo, e dentro dessa seção, foram selecionados quatro trechos que permitem um panorama da viagem realizada por Gustav: a viagem até Veneza; a chegada, a percepção da personagem sobre as mudanças na cidade e a contaminação da personagem.

O primeiro é quando Gustav von Aschenbach compra a passagem que o levará até Veneza. O marinheiro que anota os dados de identificação dos passageiros diz: “Para Veneza, primeira classe! Pois não meu senhor!” [...] Enquanto isso, tagarelava: “Uma escolha feliz para a sua viagem! Ah, Veneza! Que cidade maravilhosa! [...] A rapidez melíflua de seus movimentos e o palavreado oco com que os acompanhava tinham algo de atordoante, algo que distraía a atenção, como se ele temesse que o viajante pudesse vacilar em sua decisão de seguir para Veneza” (p. 22) (grifo dos autores).

Mais do que é dito, são os movimentos do marinheiro que denunciam que algo não está adequado: por que um viajante desistiria de ir para Veneza, cidade eternizada por Shakespeare? Por que a repetição de que Veneza é a cidade dos sonhos, cidade maravilhosa fica perdida no temor que também é apresentado pelo narrador, via comportamento do marujo? O leitor e a própria personagem de Gustav von Aschenbach podem estar ainda desatentos – e talvez seja isso que espera os que fazem parte do *trade* turístico do lugar.

Os munícipes já sabem que algo não está bem, mas não podem e não querem ver seus negócios serem reduzidos a nada, alarmando os turistas que se dispõem a conhecer a cidade.

A sensação de que algo está diferente perdura durante a viagem, mas o leitor não pode determinar se a descrição apresentada personifica o estado interno dessa personagem que está

em busca do novo, que se encontra em conflito, ou se também é fruto da pestilência que assola Veneza. Ainda em viagem a contradição surge “[...] sempre a cidade o recebera resplandecente. Mas o céu e o mar continuavam sombrios, cor de chumbo” (p. 25). Como entender a oposição entre a cidade receber resplandecente o turista (no passado) e um sentimento de tristeza que agora a assola, considerando o céu estar sombrio. São só descrições de paisagem, ou igualmente podem se referir aos sentimentos daqueles que se encontram em Veneza?

Já na chegada, tem-se a descrição (que reforça a ideia de que a cidade está sob uma nuvem sombria): “O ar estava calmo, fétido. O sol ardia violentamente através das brumas, que davam ao céu uma cor parecida com a da ardósia. Ouvia-se o barulho da água a bater contra a madeira e a pedra. Os gritos do gondoleiro, mescla de advertência e de saudação, recebiam em meio ao silêncio do labirinto, respostas baseadas em estranhas combinações. De jardinzinhos situados no alto, sobre muros em ruína, pendiam cachos de flores brancas e purpúreas, que exalavam um perfume de amêndoa. [...] Um mendigo, de cócoras, estendia o chapéu, lamentando-se da sua miséria e mostrando o branco dos olhos, como se estivesse cego.” (p. 64).

Neste extrato, o adjetivo “fétido” caracterizando a cidade já é sinalizador de que algo está ocorrendo. Cabe lembrar, como anteriormente citado, que inicialmente os pesquisadores associavam a disseminação da cólera exatamente a odores fétidos. A situação da cidade também é sinalizada pela presença de um mendigo. A precariedade da cidade já está apresentada e o leitor já sente um certo desconforto – para alguém que está no lugar para turistar, a paisagem surge desalentadora.

Em relação à percepção que a própria personagem vai tendo sobre as condições da cidade, podemos destacar os seguintes fragmentos: a) “Na quarta semana de sua estada no Lido, Gustav von Aschenbach fez algumas descobertas inquietantes com relação à realidade que o cercava. Primeiro pareceu-lhe que, à medida que se aproximava o auge da estação, a frequência do hotel, em vez de aumentar diminuía [...] depois um dia, no barbeiro [...] apanhou uma palavra, em meio à conversa que o deixou intrigado. O homem havia mencionado uma família alemã que acabava de partir [...] ‘Mas o senhor não tem medo do mal?’. Aschenbach encarou-o: ‘Do mal?’ repetiu. O tagarela calou-se [...] (p. 67).

O que esse extrato revela da forma de lidar com a pandemia? Há um grupo, a população local que sabe o que está acontecendo na cidade e se mostra amedrontada. Informações sobre a pandemia não se restringem tão somente aos moradores, tanto que se observa uma drástica redução de turistas no local. Esse foi e continua sendo o mesmo movimento que ocorre hoje em relação a Covid-19 – não em relação a informações sobre a disseminação do vírus, mas sim

sobre as práticas adotadas: há o medo, o receio de ser contaminado – as pessoas pararam de viajar, e aquelas que ainda se encontravam em férias buscaram o recolhimento em suas casas – tanto que hotéis e restaurantes ficaram vazios (o que também é registrado na narrativa).

Outro extrato revelador da tomada de consciência da personagem diz respeito aos questionamentos feitos ao dono de um restaurante sobre o ar da cidade – “enquanto tomava chá, sentado em uma mesinha [...] sentiu de repente no ar um odor característico, que agora lhe parecia vir sentindo há dias [...] um cheiro adocicado oficial, que lembrava misérias e feridas e higiene suspeita, [...] Nas ruelas o cheiro era mais forte. Nas esquinas, estavam colados cartazes impressos, através dos quais as autoridades advertiam paternalmente a população para que evitasse, devido a certas afecções do sistema gástrico, frequentes nessa época do ano, o consumo de ostras e mariscos, bem como a água dos canais. (p. 68). Ora, todo o cenário de contaminação está posto, mas a personagem ainda encontra alguma dificuldade para entender que a sua Veneza, não é a da realidade. Tanto que novamente indaga sobre o cheiro fétido, obtendo como resposta, não sem antes receber um atônito olhar: “Uma medida preventiva, meu senhor” (p. 68).

No extrato acima, clareza de que medidas sanitárias foram tomadas para o combate à pandemia. A demora para entender as mudanças ocorridas no funcionamento da cidade (talvez muito pela própria realidade interna em que a personagem se encontrava tão profundamente envolvida) cobra o seu preço: “A cabeça recostada no espaldar da cadeira acompanhara lentamente o movimento do que caminhava ao longe; ergueu-se então, como ao encontro do olhar, e caiu sobre o peito, de modo que seus olhos viam por debaixo, enquanto o rosto mostrava a expressão relaxada, absorta, de um sono profundo. [...] Passaram alguns minutos antes que ocorresse em socorro do homem caído de lado na cadeira. Levaram-no para seu quarto. E ainda no mesmo dia um mundo respeitosamente consternado recebia a notícia de sua morte”. (p. 83).

A vida é feita de imprevistos, e ela teima em exigir que nós nos adaptemos a eles. Afinal, a realidade se recusa a se adaptar aos nossos devaneios – ela é absoluta, mesmo que tenhamos ânsia de escapismo. Como disse Ayn Rand: você pode ignorar a realidade, mas não pode ignorar as consequências de ignorar a realidade. (Lenhart, 2020 s/p).

A obra “Morte em Veneza” tem como pano de fundo um cenário pandêmico. Limitando-se à análise da pandemia de forma denotativa (e não conotativa, ou seja, o que a pandemia pode representar sobre a própria personagem), destaca-se, após a breve análise dos excertos, que a tendência dos cidadãos venezianos era a de encobrir que a cidade estava passando por um surto

da cólera. O medo estava presente entre os munícipes, que buscavam, de certa forma, dar continuidade aos seus serviços e tarefas – até porque vivendo do Turismo, também refletiam preocupação com o movimento econômico. Há movimentos dúbios: querem que o turista permaneça na cidade, mas igualmente manifestam medo da peste.

Se a literatura é uma forma de representação da realidade, há de se considerar que “Morte em Veneza”, ao narrar a jornada de Gustav (em busca de si), também apresenta como as pessoas lidavam, à época, com uma peste que também guardava proporções pandêmicas, que gerava muito medo e insegurança entre as pessoas. Entre o fingir que nada estava acontecendo, o fugir e o aceitar, há de se considerar que, no setor turístico, uma das primeiras reações é a de negação da gravidade da situação.

Gustav Aschenbach representa o turista que ainda não está informado sobre a situação, e que, portanto, transita pela cidade sem qualquer medo, embora reconheça que, em certos momentos, algo parece não estar adequado à dinâmica da própria cidade.

Enquanto o turista passeia, os moradores respiram medo e preocupação, mesmo que tentem esconder isso daqueles que, como Gustav Aschenbach, parecem estar alheios ao terror que habita a própria cidade. O que se observa na obra é uma tentativa de aparentar normalidade, para que não sejam afugentados os hóspedes.

O que está em jogo são movimentos econômicos, mas não só. Formas comportamentais são registradas e manifestam algumas contradições: há aquele que esconde o que está ocorrendo na cidade, mas há o que sugere à personagem que ela saia da cidade. “Morte em Veneza” reflete e registra o pânico – não aquele escancarado, mas aquele que vai crescendo na intimidade da própria cidade.

Gustav é um turista que passeia por uma cidade tomada pela pandemia; por uma cidade cujas autoridades locais ainda estão preocupadas em não afugentar aqueles que a movimentam economicamente. Gustav é um turista que passeia por uma cidade já infestada pelo medo. Não são claros os movimentos de resiliência da população local, já que toda a atmosfera construída pelo narrador concorre para um crescente pânico que não tem rosto e nem corpo, que flutua por entre as ruas de uma Veneza contaminada.

Porém, em um exercício especulativo, baseado nas ações das personagens, observam-se dois movimentos paradoxais– um da cidade para os munícipes, e outro da cidade para os turistas, para o estrangeiro. No primeiro movimento, alerta-se a população sobre os perigos da doença, ao mesmo tempo em que se busca combatê-la (ruas são desinfetadas); no segundo movimento, a cidade ainda busca esconder a enfermidade dos turistas, tanto que há a

manutenção da atividade turística, nada é cancelado. Nas mudanças de ordem causadas pela pandemia, são esses os primeiros mecanismos adaptativos. A cidade de Veneza retratada na obra literária mostra-se resiliente frente à epidemia do Cólera, adaptando-se e mantendo sua estrutura turística, mesmo em uma situação extremamente adversa. Porém o turista parece ficar à mercê da sorte, ou de algum cidadão veneziano que possa, como acontece com Gustav Aschenbach, alertá-lo sobre a gravidade da situação pela qual a cidade passa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, embora esteja no campo da arte, registra condições sociais e culturais de sua época. Além disso, ela nos apresenta os comportamentos humanos. Nesse sentido, em relação à pandemia apresentada na obra de Thomas Mann, é possível afirmar pelas análises apresentadas, que ela foi ocultada da população para evitar perdas com o turismo. Uma situação semelhante ocorreu no Brasil no carnaval de 2020, quando os governadores, mesmo cientes do risco pela pandemia da Covid-19, não cancelaram as comemorações.

Isso vem ao encontro das primeiras reações humanas observadas frente à situação pandêmica registrada em virtude do vírus Covid-19: inicialmente, a tendência é a de minimizar o grau de gravidade da situação, ou seja, em um primeiro momento o ser humano procura negar o que a ele se apresenta. Negação essa que aparece materializada na manutenção de determinados serviços, na manutenção de uma certa ordem e naturalidade das ações cotidianas. Também surge na própria tentativa de acobertar a gravidade da situação.

A obra “Morte em Veneza”, de certa forma, personifica as formas que o ser humano tem para lidar com situações adversas, decorrentes de uma pandemia. No caso específico desse livro, a pandemia é um “monstro invisível”, que vai corroendo a cidade e as pessoas. Nada mais é igual, embora a cidade pareça a mesma. A atmosfera do lugar muda, assim como as pessoas.

Todos achamos que aquilo que está acontecendo lá fora não chegará à nossa casa. Não poderíamos estar mais errados: a obra de Thomas Mann mostra isso. A cólera ceifou a vida tanto de pobres quanto de ricos (o mesmo que ocorreu na pandemia da Covid-19); as angústias, medos e negações que são apresentadas na obra, encontram eco nos comportamentos atuais face a uma outra epidemia. Apesar da melhora da condição social da época de Gustav para a nossa, a condição humana e o desafio de enfrentar a dificuldade com resiliência permanece o mesmo. O estudo de obras literárias pode nos ajudar a aceitar que os desafios da vida humana permanecem semelhantes, apesar da passagem do tempo e do aumento do poder da humanidade sobre a natureza.

REFERÊNCIAS

- Cândido, A. (2004). *Vários Escritos* (4ª ed.). São Paulo: Duas Cidades.
- Cuenta. (2001) *Satélite de turismo: recomendaciones sobre el marco conceptual*. Nueva York: Naciones Unidas; Madrid: Organización Mundial del Turismo.
- Diaz, L. R. (2020). Depoimento de um moço sobre a hospitalidade: o amor nos tempos de pandemia. *Revista Rosa dos Ventos Turismo e Hospitalidade*. 12(3). <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a13>
- Harari, Y. N. (2016). *Sapiens: uma breve história da humanidade*. (13ª ed.). Porto Alegre: L&PM.
- Kroger, T. (2015). *A morte em Veneza*. São Paulo: Editora Companhia das Letras.
- Lenhar, W. (17/12/2020). *Os tempos demandam uma nova administração pública*. Recuperado em 18 mai. 2020, de [//www.gov.br/economia/pt-br/canais_atendimento/imprensa/artigos/2020/os-tempos-demandam-uma-nova-administracao-publica](http://www.gov.br/economia/pt-br/canais_atendimento/imprensa/artigos/2020/os-tempos-demandam-uma-nova-administracao-publica)
- Michael, D. C. (6 de setembro de 2020). *La relación entre literatura y pandemia es tan vieja como la literatura misma: El Colegio Nacional*. Recuperado em 18 de mai. 2020, de <https://colnal.mx/noticias/la-relacion-entre-literatura-y-pandemia-es-tan-vieja-como-la-literatura-misma-christopher-dominguez-michael/>
- Ministério da Saúde. (2020). *Doenças Infeciosas e Parasitárias: guia de bolso* (8ª ed.) Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em 21 mai. de 2020, de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_gui_a_bolso.pdf
- Oliveira, W. C D. (2018). Ver Veneza e morrer: beleza e decadência sob os aspectos narrativos de Morte em Veneza, de Thomas Mann. *Fronteira Digital*. (7). Recuperado em 23 mai. 2020, de <https://periodicos.unemat.br/index.php/fronteiradigital/article/view/3420>
- Prater, D. (2020). *Thomas Mann uma biografia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1918).
- Quinteiro, S., & Baleiro, R. (2017). *Estudos em literatura e turismo: conceitos fundamentais*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Schulz, P. (2020). Apontamentos do século XIX em tempos de cólera para a Covid-19. *Jornal da Unicamp*. Recuperado em 21 mai. 2020, de <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/peter-schulz/apontamentos-do-seculo-xix-em-tempos-de-colera-para-covid-19>
- Silva, M. R. S., Elsen, I., & Lacharité, C. (2003), Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia*, 13(26), 147-

156. Recuperado em 22 de maio de 2020, de <https://www.scielo.br/j/paideia/a/83xCSbVDnjNLMqyKwdVHGcN/abstract/?lang=pt>
- Soethe, A. P., Mann, F., & Kuschel, J. K. (2013). *Terra Mãtria: a família de Thomas Mann e o Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Picanço, J. (2020). A cólera, uma Pandemia Imperialista. *Paleomundo*. Recuperado em 21 mai. 2020, de <https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2020/04/08/a-colera-uma-pandemia-imperialista/>

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Diaz, R. L., & Ferreira, L. T. (2023). Turismo e Literatura - crise e resiliência em tempos de pandemia: uma análise a partir da obra "A Morte em Veneza" de Thomas Mann. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 11(2), 346-361. <https://doi.org/10.21680/2357-8211.2023v11n2ID27685>
